

PERCEPÇÃO DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (ISTs) EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE CAJUEIRO DA PRAIA - PI

Gabriella Borges Porfírio¹, Lara Maria Martins de Aguiar Morais¹,
Milla Reis de Moura Santos¹, Joara Cunha Santos Mendes Gonçalves Val²

A presente pesquisa teve como finalidade conhecer a percepção dos adolescentes em relação às ISTs em uma escola da rede pública, no município de Cajueiro da Praia-PI, além de analisar como estão ocorrendo as práticas sexuais, identificar os conhecimentos dos adolescentes em relação aos métodos de prevenção, verificar quais fontes de informações estão utilizadas e por fim desenvolver um *game* a respeito de questões sobre sexualidade, práticas sexuais de risco e ISTs. Trata-se de um estudo de pesquisa descritiva-exploratória com abordagem qualitativa e quantitativa, utilizando como caminho metodológico a roda de conversa e a gamificação, com jovens entre 10 e 19 anos da zona rural de Cajueiro da Praia-PI. Foi perceptível que, com a estratégia utilizada, os jovens ficaram mais seguros em dividir suas dúvidas e curiosidades com os pesquisadores. Além disso, mostraram-se mais participativos em relação às atividades propostas, conseguindo atingir os objetivos do jogo. Com isso, também foi possível observar o déficit sobre a percepção dos adolescentes em relação com às ISTs, em decorrência da falta de educação sexual nas escolas e dos preconceitos impostos pela sociedade em relação ao assunto.

Palavras-chave: Doenças Sexualmente Transmissíveis. Educação Sexual. Jovens.

The present research aimed to know the perception of adolescents in relation to STIs in a public school in the municipality of Cajueiro da Praia-PI, besides analyzing how the sexual practices are occurring, to identify the adolescents' knowledge regarding the methods of prevention, check what sources of information are used and ultimately develop a game about issues about sexuality, sexual risk and STIs. It is a descriptive-exploratory research study with a qualitative and quantitative approach, using as a methodological path the yarning circle and gamification, with young people between 10 and 19 years of the rural area of Cajueiro da Praia-PI. It was noticeable that, with the strategy used, the teenagers were more confident in sharing their doubts and curiosities with the researchers. In addition, they have been more participatory in relation to the proposed activities, achieving the objectives of the game. With this, it was also possible to observe the deficit on the adolescents' perception in relation to STIs, due to the lack of sexual education in the schools and the prejudices imposed by the society in relation to the subject.

Keywords: Sexual Education. Sexually Transmitted Disease. Young.

¹ Acadêmicas de Medicina da FAHESP/IESVAP. E-mail: gabiposfis@gmail.com, laramaria2@gmail.com, millareis12@gmail.com.

² Doutoranda em Educação pela UNINI; Mestre em Terapia Intensiva pela IBRATI; Especialista em Saúde Pública pelo IBPEX; Docente do Curso de Medicina na FAHESP/IESVAP; Bacharel em Enfermagem pela UESPI. E-mail: joara.val@iesvap.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase complicada e dinâmica na vida do ser humano, pois é onde ocorre a transição entre a infância e a vida adulta. As várias alterações que acontecem no corpo, repercutem diretamente no desenvolvimento da personalidade e no comportamento pessoal em sociedade. À vista disso, há grande preocupação com essa etapa, principalmente com os aspectos adaptativos e comportamentais.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), “é considerada adolescência o período entre 10 e 19 anos de idade, incluindo a pré-adolescência e a adolescência propriamente dita”. Os adolescentes, ao passarem por todas as transformações que, geralmente, são inquietantes e angustiantes tornam-se um grupo com grande potencial para se contaminar com as Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

A sexualidade dos adolescentes, normalmente decorre numa relação de intimidade caracterizada por uma troca de sentimentos (reciprocidade) e por uma revelação pessoal mútua e apropriada (Menezes, 1990). Contudo, nessa fase o conhecimento é escasso, e o fato de terem iniciado as práticas sexuais sem as orientações necessárias, os tornam um alvo extremamente vulnerável ao acometimento de ISTs/HIV/AIDS.

Dados do Ministério da Saúde, divulgados através do Boletim Epidemiológico HIV/AIDS – 2014 revelam que nos anos de 2004 a 2013 houve um aumento de 53,2% na taxa de detecção do vírus em adolescentes do sexo masculino de 15 a 19 anos. Nas mulheres da mesma idade, o aumento foi de 10,5% na taxa de detecção, no mesmo período (BRASIL, 2014).

A vida sexual dos adolescentes tem-se iniciado cada vez mais cedo e, muitas vezes, sem informação que possa instruí-los

adequadamente sobre sexualidade e as transições que estão acontecendo no seu corpo. A transmissão das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) é um grave problema de saúde pública, atingindo cada vez mais adolescentes e os tornando suscetíveis a adquirirem e transmitirem doenças como: a sífilis, gonorreia, herpes, o HIV, dentre outras.

Sabe-se que existe uma dificuldade, por parte dos pais e professores, em abordar essa temática, impossibilitando os jovens de terem acesso a uma fonte segura onde possam esclarecer suas dúvidas. Segundo Camargo, Giacomozzi, Wachelke e Aguiar (2010) a vulnerabilidade dos adolescentes se faz presente, por não haver políticas públicas voltadas exclusivamente para esse público. A inexistência de programas educativos com abordagem sobre a prevenção das IST/AIDS nas escolas, possibilita a prática de sexo inseguro. Sendo assim, o número de contaminação por ISTs tende a aumentar por falta de informação.

É fundamental a inserção da educação sexual nas escolas. Os educadores juntamente com a equipe interdisciplinar de saúde da família devem nortear e transmitir conhecimento sobre sexualidade, como praticar sexo seguro, impedindo a transmissão das ISTs e por fim, tirar as suas dúvidas. Enriquecendo assim, o conhecimento dos jovens sobre as doenças sexualmente transmissíveis e os riscos da prática sem proteção.

As infecções sexualmente transmissíveis estão presentes na sociedade humana desde que o homem passou a ver a relação sexual, não apenas como meio de reprodução, mas como um caminho para o prazer. Essas infecções são transmitidas através de um contato sexual e seus principais agentes são os vírus, os fungos e as bactérias.

Por conta da vulnerabilidade e falta de informação dos jovens, o risco de contaminação às IST/AIDS, entre outros problemas decorrentes da própria sexualidade, vem aumentando e mostrando a necessidade de investimento na educação sexual, que procura informar e esclarecer

as dúvidas desses jovens, para que haja uma sexualidade mais consciente, segura e responsável.

O trabalho nas escolas para promoção da saúde dos adolescentes é de suma importância, uma vez que esse grupo se encontra vulnerável em contrair uma infecção sexualmente transmissível. Para se obter uma boa relação com estes jovens, podem ser realizadas rodas de conversas, *games* e ações educativas, para que não haja somente a transferência de ideias, mas sim a participação ativa desses.

Segundo KOERICH, BAGGIO, BACKES, BACKES, CARVALHO, MEIRELLES (2010) para prender a atenção dos jovens é preciso discutir temas que estejam na sua realidade diária, como aprender sobre as estruturas dos órgãos genitais femininos e masculinos, ISTs, métodos contraceptivos e a sua sexualidade. Dessa forma, alcançar um entendimento verdadeiro e uma melhor participação dos jovens, levando-os a colocar em prática o que foi abordado, evitando a propagação das infecções sexualmente transmissíveis entre os adolescentes.

Por esse motivo, a partir da disciplina de Medicina da Família e Comunidade, despertou-se o interesse em desenvolver atividades com os adolescentes da zona rural do município de Cajueiro da Praia - PI. Tendo como questão norteadora a percepção dos adolescentes em relação as ISTs.

O estudo tem como finalidade observar os fatores de vulnerabilidade entre os adolescentes de 10 a 19 anos para o risco de contaminação às ISTs, visando aprimorar seus conhecimentos sobre a temática.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral:

Conhecer a percepção dos adolescentes em relação às ISTs em uma escola da rede pública, no município de Cajueiro da Praia-PI.

2.2 Objetivos específicos:

- Analisar os conhecimentos dos adolescentes acerca das práticas sexuais e aos métodos de prevenção às

ISTs de uma escola da rede pública no município de Cajueiro da Praia - PI.

- Verificar quais fontes de informações estão sendo utilizadas para ter conhecimento sobre as ISTs.
- Desenvolver um *game* a respeito de questões sobre sexualidade, práticas sexuais de risco, ISTs.

3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de pesquisa descritiva-exploratória com abordagem qualitativa e quantitativa utilizando como caminho metodológico a roda de conversa e a gamificação. Este método oferece um espaço seguro e confiável para que os participantes possam expor suas ideias, dúvidas, curiosidades e vivências. Silvia e Bernardes (2007) apontam ainda que a roda de conversa é um método vantajoso para coletar informações, esclarecer ideias e posições além de desenvolver-se em um clima de informalidade e de descontração entre os participantes.

Este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da FAHESP/IESVAP, atendendo a resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde. A participação dos adolescentes na pesquisa ocorreu após autorização dos pais ou responsáveis e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após o aceite por parte dos alunos e a autorização de todos os responsáveis, formou-se o grupo de participantes, 33 mulheres e 24 homens. A pesquisa deu-se em três encontros de rodas de conversa e com duração em média de 90 minutos cada um. A ordem dos encontros foi sendo construída ao decorrer do processo e reprogramada por necessidade do grupo. O Quadro 1 apresenta as rodas de conversa (RC) conforme a ordem de programação.

Quadro 1. Programação das Rodas de Conversa.

RODA DE CONVERSA	PROGRAMAÇÃO
Roda de conversa 1 (RC1)	Contatos iniciais para apresentação da pesquisa e conhecimento mútuos. Além de uma conversa inicial para tirar dúvidas feitas anonimamente sobre sexualidade.
Roda de conversa 2 (RC2)	Aplicação do questionário.
Roda de conversa 3 (RC3)	Realização do game

Fonte. Dados da Pesquisa

Foram utilizados, durante as rodas de conversa, bonecos anatômicos humanos com sistema reprodutor masculino e feminino, preservativos, a caderneta de saúde do adolescente e cartazes explicativos. Todas as informações foram e serão mantidas em sigilo e utilizadas apenas pelas pesquisadoras e sua orientadora, com a finalidade de avaliação dos objetivos apresentados nesta pesquisa.

Esta pesquisa só se realizou após aprovação no Comitê de Ética bem como o aceite da escola, a assinatura do Termo de Assentimento dos adolescentes participantes juntamente com a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo responsável legal de cada aluno.

3.1 Local da pesquisa:

A pesquisa foi realizada na escola U. E. Anatólio Thiers Carneiro, do município de Cajueiro da Praia - PI.

3.2 Sujeitos da pesquisa:

Participaram da pesquisa os alunos entre 10 a 19 anos da escola U. E. Anatólio

Thiers Carneiro, que aceitaram participar do estudo e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

3.3 Critérios de inclusão na pesquisa:

Para a participação da pesquisa, foi necessário o aluno:

- ✓ Se manifestasse espontaneamente, a participar do estudo, após a explicação e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.
- ✓ Se menor de idade, apresentasse o termo de consentimento assinado pelo responsável.
- ✓ Estivesse matriculado e cursando regularmente na escola U. E. Anatólio Thiers Carneiro.
- ✓ Estivesse presente no dia pré-determinado pelos autores para a coleta de dados.

3.4 Critérios de exclusão na pesquisa:

- ✓ A não apresentação do termo de consentimento assinado pelo responsável, se menor de idade;
- ✓ Estar fora da faixa etária imposta pela pesquisa.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A primeira roda de conversa teve como objetivo a apresentação das pesquisadoras e dos participantes, facilitando assim o entrosamento entre os presentes.

4.1. Momento Roda de Conversa 1 (RC1):

Durante as rodas de conversas, percebeu-se muitas curiosidades e perguntas a respeito do corpo humano, relação sexual, métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis. As perguntas anônimas se tornaram uma forma de avaliação não constrangedora e dessa forma o aluno

pôde melhor expressar suas dúvidas e pensamentos sobre o tema em foco.

A finalidade das perguntas anônimas foi identificar qual o conhecimento destes jovens acerca de doenças sexualmente transmissíveis, sua própria sexualidade e como a vivenciam e sanam as dúvidas e curiosidades.

Esta técnica nos permitiu conhecer melhor e entender o grupo que trabalharíamos no futuro, sendo de fundamental importância para o vínculo criado entre pesquisadores e pesquisados. Com os dados coletados, procuramos analisar, interpretar e compreender as dificuldades vividas pelos jovens sobre a temática.

A partir das perguntas realizadas, percebe-se que as dúvidas são características da própria fase da adolescência, principalmente por eles terem conhecimento restrito sobre o assunto, pouco abordado tanto em ambiente familiar como escolar.

A adolescência é definida por Cano, Ferriane e Gomes (2000) como uma fase da vida de formação final da própria personalidade e alegam que a sexualidade complementa esse processo como um componente estruturador da identidade do adolescente. Alencar, Silva, Silva e Diniz (2008) consideram o diálogo acerca da sexualidade um fator importante no desenvolvimento dos adolescentes, na determinação de sua autoestima bem como um auxílio para as relações afetivas saudáveis.

Desta forma, a roda de conversa vem para colaborar com este processo, sendo considerada um espaço para que o grupo realize troca de diálogos e reflexões (Warschauer, 2001). Segundo Oliveira, Carvalho e Silva (2008) cabe ao profissional, que coordena a roda de conversa, desenvolver ações educativas a partir das necessidades identificadas pelo próprio grupo, considerando o contexto histórico, político, econômico e sociocultural da região.

É possível o desenvolvimento de atividade de educação, de maneira descontraída e criativa, estimulando a participação efetiva do público-alvo e tratando-os como sujeitos históricos, e não como “caixas vazias”. A participação destes jovens é uma estratégia eficaz de promoção do desenvolvimento, uma vez que fortalece a autoestima, a assertividade e a construção do próprio projeto de vida (NOGUEIRA, BARCELOS, BARROS & SCHALL, 2011).

Durante a primeira visita, a partir das perguntas realizadas pelos jovens, notou-se que estes tinham pouco conhecimento sobre as formas de prevenção e dos riscos das ISTs. Foi notório uma maturidade maior por parte das meninas do que dos meninos em relação às perguntas e envolvimento com o assunto, visto que, durante a conversa, elas se mostravam mais interessadas e buscavam retirar suas dúvidas.

Ao citar a importância de trocar ideia com um profissional da equipe de saúde sobre transformações ocorridas com a puberdade, notou-se uma resistência por parte dos adolescentes, tendo como principal obstáculo o medo dos familiares descobrirem o que foi conversado durante a consulta.

Existe uma grande quantidade de conteúdo voltado para o tema sexualidade, porém, muitas vezes, este material não é informativo o suficiente e mostra uma visão superficial e preconceituosa tanto sobre a prática sexual, quanto sobre as ISTs. Desta forma, a roda de conversa vem para colaborar com este processo, sendo esta considerada um espaço para que o grupo realize troca de diálogos e reflexões.

Através da observação da realidade, verificou-se um déficit de conhecimento sobre puberdade, sexualidade e práticas sexuais, que de acordo com os relatos de caso, deve-se principalmente à falta de conhecimento e orientação. Notou-se então que, mesmo com o alto índice de investimentos realizados em

campanhas educativas relacionadas às ISTs, essas doenças continuam crescendo. No final da roda de conversa os jovens deram um feedback positivo sobre a atividade, mostrando a importância e a eficácia da criação de um vínculo entre pesquisadores e pesquisados.

4.2 Momento: Roda de Conversa 2 (RC2):

Para coletar os dados, foi elaborado um questionário com 13 itens que abordaram sobre vida sexual, sobre os métodos contraceptivos e as ISTs e sobre a importância da educação sexual nas escolas.

Serão analisados a seguir, os resultados do questionário respondido por trinta e cinco estudantes, seguido de Figuras com as porcentagens dos resultados obtidos na pesquisa.

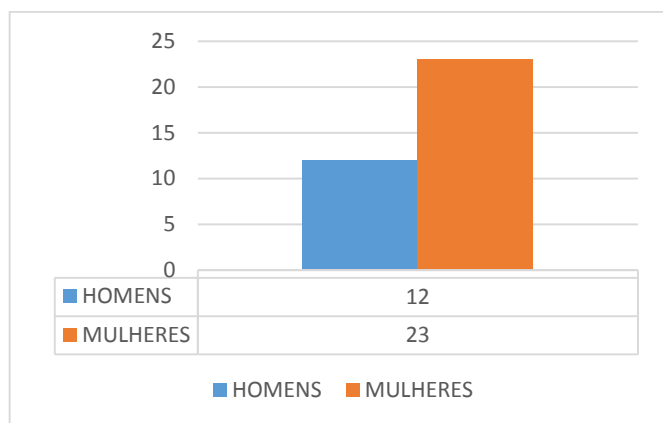


Figura 1. Distribuição numérica referente a resposta da questão: É homem ou mulher?

Diante dos resultados obtidos na Figura 1, notou-se maior participação por parte das meninas totalizando 65,71%, quando em comparação com os meninos 34,2%.

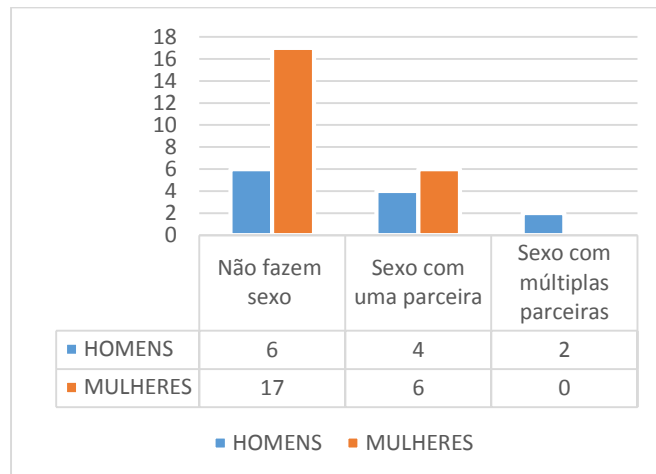


Figura 2. Distribuição numérica referente a resposta da questão: Atualmente você:

Conforme a Figura 2, verificamos que 65,71% dos sujeitos pesquisados afirmam não fazer sexo, enquanto 28,5% realizam sexo apenas com uma parceira e apenas 5,7% fazem com múltiplas parceiras.

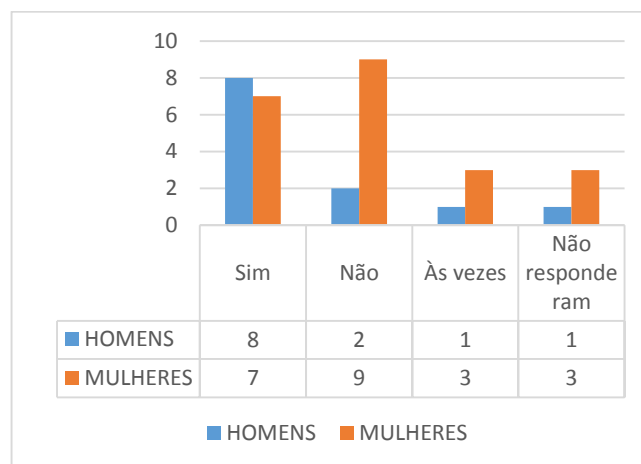


Figura 3. Distribuição numérica referente a resposta da questão: Usa proteção de barreira como preservativo?

A Figura 3 evidencia que, 42,85% dos sujeitos pesquisados usam proteção de barreira como preservativo, 28,57% não utilizam, 11,42% utilizam às vezes e 11,42% não responderam à pergunta. Sendo possível concluir que, a maioria faz o uso de método de barreira.

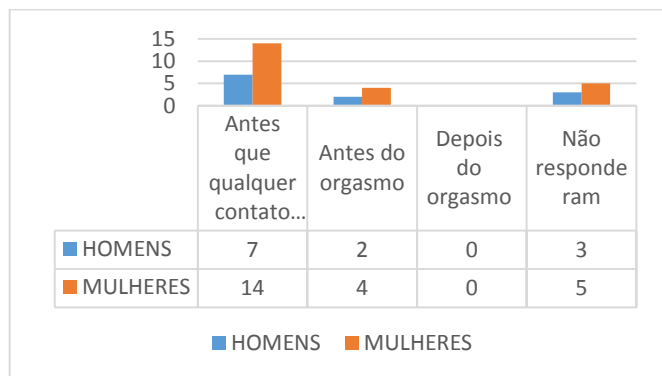


Figura 4. Distribuição numérica referente a resposta da questão: Se sim, quando coloca o preservativo?

Em relação ao momento ideal para se colocar o preservativo, observamos na Figura 4 que, 60% colocam antes de qualquer contato genital, 17,4% antes do orgasmo e 22,8% optaram por não responder. Evidenciando que a maioria sabe quando colocar o preservativo.

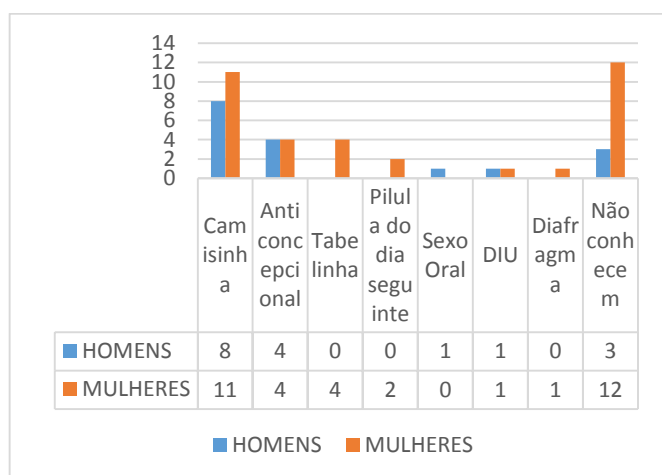


Figura 5. Distribuição numérica referente a resposta da questão: Que barreiras você conhece?

Na Figura 5, conseguiu-se analisar o verdadeiro conhecimento dos entrevistados sobre os métodos de barreira. Essa foi uma questão subjetiva, onde era questionado quais métodos de barreira eles conheciam. Sendo citado nas respostas outros métodos além do que foi questionado.

Como pode ser visto na Figura 5, 54,28% dos entrevistados conhecem como método de

barreira a camisinha, 51,4% acreditam que anticoncepcional oral, tabelinha, pílula do dia seguinte, sexo oral, DIU e diafragma são métodos de barreira e 42,85% não responderam ou não conhecem os métodos.

Sendo possível concluir que, há um déficit de aprendizagem em relação ao tema trabalhado na questão, mostrando a necessidade da implementação da educação sexual nas escolas.

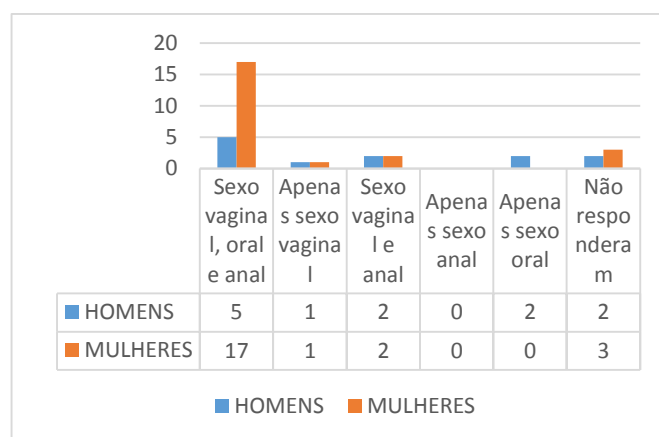


Figura 6. Distribuição numérica referente a resposta da questão: Sabe como são transmitidas as IST'S?

Conforme verificado na Figura 6, 62,85% escolheram a opção sexo vaginal, oral e anal como meio de transmissão das ISTs, 5,7% apenas sexo vaginal, 11,4% sexo vaginal e anal, 5,7% apenas sexo oral e 14,2% não responderam.

Sendo notório que a maioria assinalou a opção correta, mas a porcentagem de adolescentes que não responderam é relativamente alta, principalmente por mulheres, evidenciando a necessidade de instrução desses adolescentes.

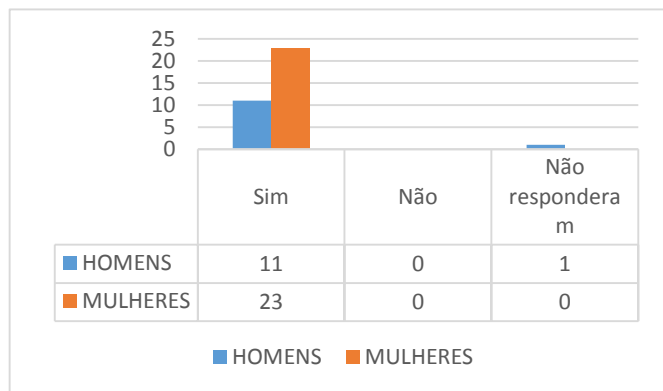


Figura 7. Distribuição numérica referente a resposta da questão: Você acha que uma pessoa pode pegar IST'S se tiver relação sexual sem camisinha?

De acordo com a Figura 7, 97,1% dos jovens entrevistados acham que uma pessoa pode pegar IST se tiver relação sexual sem camisinha, enquanto apenas 2,9% não responderam.

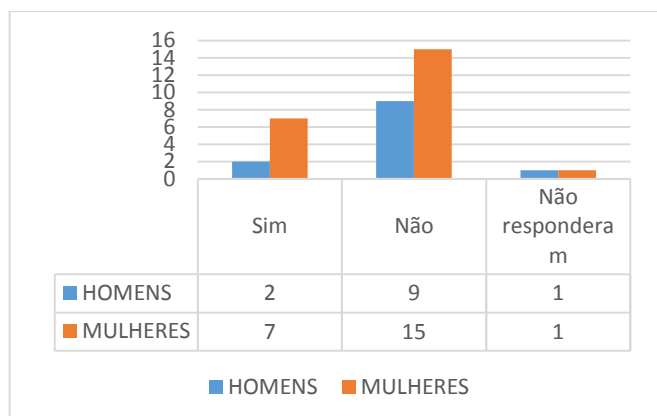


Figura 8. Distribuição numérica referente a resposta da questão: Você acha que tomar remédio para não engravidar é uma forma de se proteger das IST'S?

Segundo a Figura 8, 25,7% dos entrevistados acreditam que tomar remédio para não engravidar é uma forma de se proteger das ISTs, enquanto 68,5% não concordam com essa pergunta.

Com isso, conclui-se que, o tema anticoncepção e prevenção de ISTS é um déficit que necessita ser sanado, através de aulas, palestras, rodas de conversas ministradas por professores e em conjunto com a equipe multiprofissional da unidade de saúde.

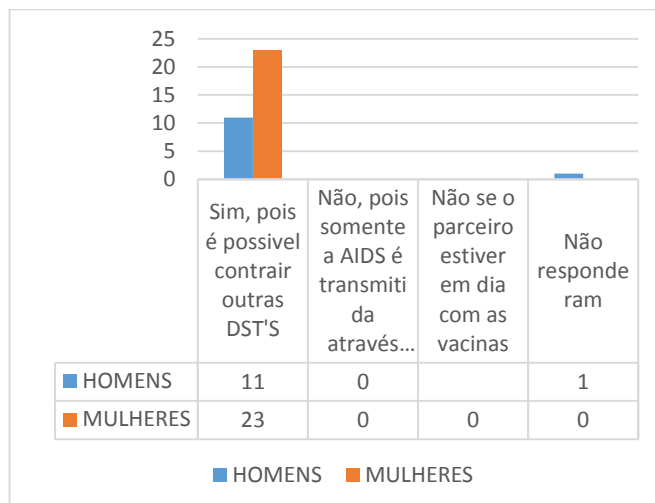


Figura 9. Distribuição numérica referente a resposta da questão: E se o parceiro não estiver infectado pelo vírus HIV, você acha que corre algum risco de contrair doença se não usar preservativo durante o ato sexual?

Constata-se, através da Figura 9, que 97,1% dos entrevistados acham que correm risco de contrair alguma doença sexualmente transmissível caso não use preservativo nas relações, mesmo se o parceiro não estiver infectado com o vírus HIV e 2,8% não responderam.

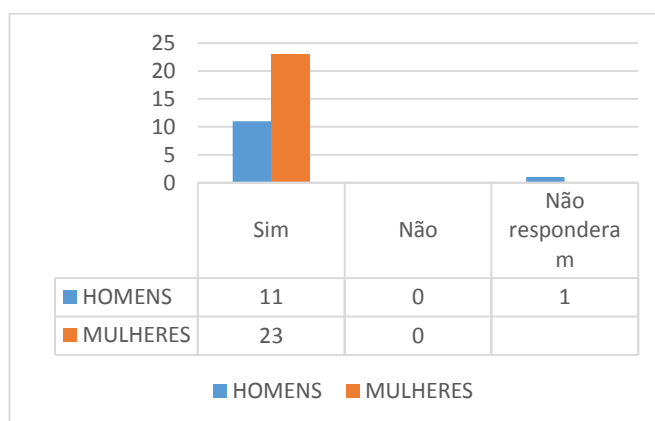


Figura 10. Distribuição numérica referente a resposta da questão: Se aparecessem feridas no seu pênis ou vagina, você pensaria estar com alguma doença?

Conforme a Figura 10, nota-se que 97,1% dos jovens desconfiariam de alguma doença caso notassem feridas nos genitais, enquanto 2,9% se absteve de responder.

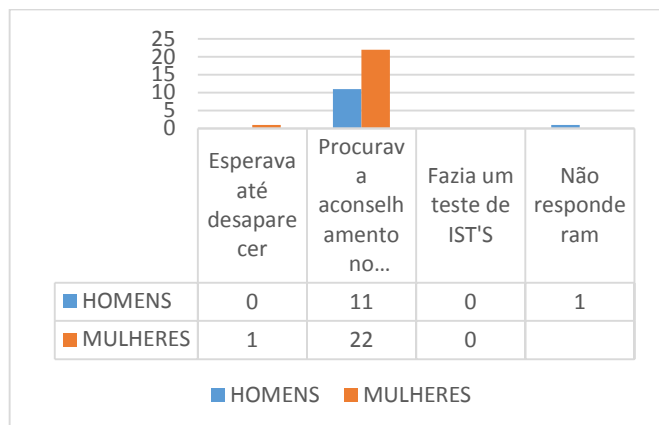


Figura 11. Distribuição numérica referente a resposta da questão: Se tivesse uma coceira anormal, corrimento ou dor nos seus genitais o que faria?

De acordo com a Figura 11, observa-se que 94,2% dos jovens entrevistados afirmam que buscariam aconselhamento no posto de saúde caso tivessem alguma coceira, corrimento ou dor nos genitais. Apenas 2,9% esperava desaparecer e 2,9% não responderam.

Conclui-se a partir dessa Figura, que o posto de saúde é o local mais procurado pelos adolescentes em situações que acreditam ser de risco para sua saúde.

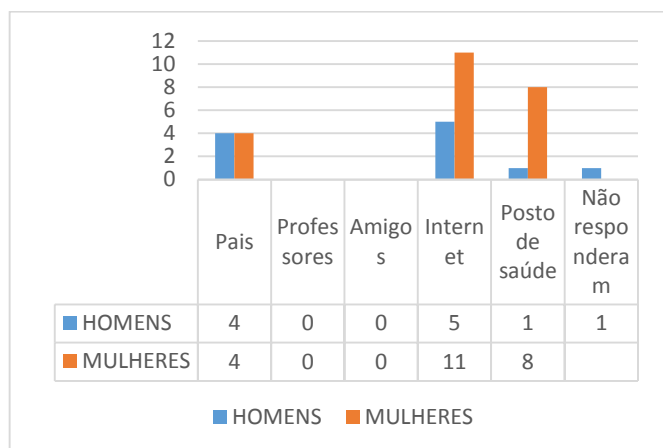


Figura 12. Distribuição numérica referente a resposta da questão: Quando tem dúvidas sobre sexo e métodos contraceptivos, onde você busca informação?

Com base nos resultados da Figura 12, verifica-se que o meio mais utilizado como fonte de informação é a Internet, sendo escolhido por 45,7% dos jovens entrevistados. Em segundo lugar, temos o posto de saúde com 25,7%, seguido dos pais com 22,8%.

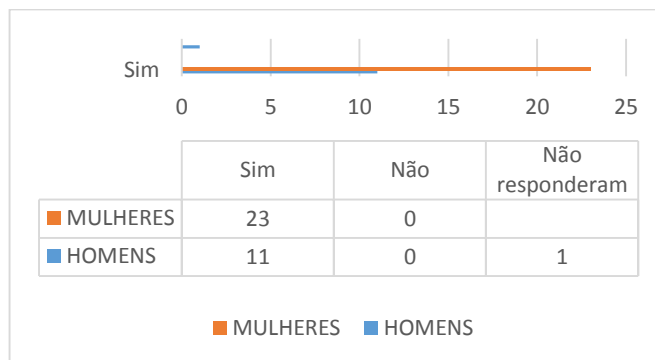


Figura 13. Distribuição numérica referente a resposta da questão: Você acha importante projetos sobre educação sexual nas escolas?

Conforme a Figura 13, nota-se que, 97,1% dos adolescentes entrevistados acham importante a educação sexual nas escolas e apenas 2,8% não responderam.

5.3 Momento: Roda de conversa 3 (RC3):

O objetivo desta roda foi a realização do *game*, para identificarmos os conhecimentos específicos dos participantes a respeito das ISTs e, a partir disso, apresentar curiosidades acerca do assunto.

Novamente, os alunos da escola foram separados nas salas entre homens e mulheres, sendo um total de 57 alunos, onde 33 eram do sexo feminino e 24 do sexo masculino.

Os adolescentes, durante a roda de conversa, foram divididos em 3 grupos, entre 11 e 8 participantes cada. Para a formação dos grupos foi dada a regra da composição dos mesmos e os próprios alunos se agruparam por afinidade.

O *game* utilizado foi adaptado do jogo da vida, onde as decisões dos jogadores afetam o futuro, podendo levar à diversos finais. Para cada grupo foi entregue uma situação cotidiana relacionada à sexualidade e às ISTs e os alunos deveriam discutir em cima de cada cenário encontrado para que pudessem fazer suas escolhas e avançar no jogo. Para cada situação, existiam consequências e curiosidades, sendo a leitura destas

dependentes das escolhas feitas pelos adolescentes.

Os casos foram apresentados em voz alta, para que todos os participantes presentes na sala ficassem cientes das diferenças entre os grupos.

Quadro 2. Situação 1 do game

SITUAÇÃO	CURIOSIDADE
Você namora há algum tempo e seu namorado(a) quer transar, mas você não se sente preparada.	Conversa com o parceiro, deixa claro seu medo e suas angústias e pedir calma e paciência. Lembre-se: tudo tem seu tempo
Depois de um tempo você aceitou, mas ele quer fazer sem camisinha pois vocês já se conhecem há bastante tempo. Aceita ou não?	Sem curiosidade para essa situação
Aconteceu e você notou o início de um corrimento, dor ao urinar e no pé da barriga o que você faz? Procura ajuda médica ou finge que nada está acontecendo?	Toda doença no início o tratamento é mais fácil e rápido, caso demore pode ocorrer um serie de consequências, uma delas a infertilidade.
Você foi diagnosticado com gonorreia e sabe que seu(a) único(a) parceiro(a) é seu(ua) namorado(a). O que você faz? Leva seu(ua) namorado(a) para consulta ou se trata sem contar para ele(a)	A doença vai voltar porque seu parceiro também está contaminado, o tratamento tem que ser em conjunto. O risco de transmissão de um parceiro infectado a outro é de 50% por ato. Todos os parceiros sexuais do paciente com gonorreia devem ser contatados e examinados para evitar futuras transmissões da doença.
Após a consulta e a explicação médica você descobre infidelidade, apesar do choque psicológico você	Se você conta sobre a gonorreia seu parceiro pode se tratar e deixar de ser um foco transmissor. Se você não contar ele

conversa com seu namorado ou termina sem contar da doença?	continuará disseminando doenças pela comunidade. Há dois objetivos no tratamento de uma doença sexualmente transmissível (DST): o primeiro é curar a infecção do indivíduo, enquanto o segundo é interromper a cadeia de transmissão da doença. Para isso, além de tratar o paciente, é importante localizar e examinar todos os seus contatos sexuais para tratá-los, se indicado
--	--

Fonte. Dados da Pesquisa

Foram utilizadas as mesmas situações para as meninas e os meninos, a fim de que pudéssemos comparar os resultados encontrados em cada um.

Quadro 3. Situação 2 do game

SITUAÇÃO	CURIOSIDADE
Você estava numa festa e conheceu alguém interessante, deu vontade. E agora? Ir ou não ir?	Sem curiosidade para essa situação
Foi, chegou lá e não tinha camisinha/não queria usar camisinha, você com medo não aceita, mas pergunta se pode ser só sexo oral. Fazer ou não fazer?	É possível sim adquirir infecção sexualmente transmissível (IST) na prática do sexo oral; de fato, algumas ISTs, como o herpes genital e a gonorreia, são mais comumente disseminadas através do sexo oral do que outras, como a AIDS. Mas para adquirir as ISTs por sexo oral é preciso ter uma porta de entrada, por exemplo: aftas,
Depois de alguns dias começou a aparecer espinhas perto da boca. Você acha isso normal ou não?	O vírus do herpes é uma doença sexualmente transmissível que se apresenta em forma de bolhas ou pústulas. O

	herpes simplex 1 é responsável pela versão oral do vírus, e pode ser contagioso mesmo quando já não apresenta sintomas. Esse tipo tem algumas semelhanças com a acne na aparência.
Você espremeu a espinha e saiu um líquido muito doloroso, formou uma ferida aberta com prurido e apresentou febre, então você decide ir ao médico.	O líquido sai doloroso, fica ferida aberta, apresenta febre, o líquido pode aumentar o número de lesões. As feridas nos lábios são comumente referidas como "feridas frias". As pessoas infectadas geralmente experimentam uma sensação de formigamento, prurido ou queimação em sua boca, antes do aparecimento de feridas. Após a infecção inicial, as bolhas ou úlceras podem periodicamente se repetir. A frequência das recorrências varia de pessoa para pessoa.
O médico diagnostica com herpes, você conta para o seu parceiro sim ou não?	Sem curiosidade para essa situação

Fonte. Dados da Pesquisa

Para a realização da atividade, foram escolhidos cenários comuns que podem acontecer dentro da faixa etária encontrada na escola, com o objetivo de que os jovens pudessem entender como ocorrem as infecções sexualmente transmissíveis e como todos estão vulneráveis se não tiverem o conhecimento necessário sobre a transmissão e a prevenção das mesmas.

Quadro 4. Situação 3 do game

SITUAÇÃO	CURIOSIDADE
Você adora uma baladinha, já teve relações sexuais com	Sem curiosidade para essa situação

camisinha e sem. Uma pessoa vivida.	
Aconteceu de conhecer uma gatinha (o), vocês estão sem camisinha, mas ela (você) usa anticoncepcional. Ir ou não ir?	O anticoncepcional só evita a gravidez e a camisinha é o método mais eficaz tanto para IST e quanto a gravidez ela é 98% eficaz.
Foram, beleza, tudo certo, foi bom, gatinha(o) saudável, aconteceu de depois de um mês vocês se encontram de novo. Fazer ou não fazer?	Sintomas são tardios e muitas vez podem ser sintomáticos
Aparece uma ferida na sua região íntima, não dói, não coça, não arde você procura tratamento imediatamente? ou espera a ferida sumir e continua vivendo?	Normalmente a sífilis apresenta fases distintas com sintomas específicos que é intercalada por períodos latentes. Por isso, ela é conhecida por ser um mal silencioso e requer cuidados.
Passaram - se alguns dias e a ferida desapareceu, com isso você se tranquilizou e voltou a viver sua vida.	Sífilis é dividida em estágios e o primeiro estágio as feridas desaparecem se não forem tratadas, e quando reaparecem já estão no estágio 2 de forma pior e mais grave.

Fonte. Dados da Pesquisa

Após o término do jogo, deu-se início a mais uma roda de conversa em cima dos casos e das ISTs encontradas neles. No grupo dos meninos, quando questionados sobre o conhecimento das infecções mencionadas na atividade, foi possível perceber que muitos nunca tinham escutado falar sobre elas. Apesar da falta de informação, tinham o discernimento de escolha dentro do jogo, sabendo o que fazer para prevenção e os cuidados gerais necessários para cada uma, apontando a importância da busca de um profissional quando algo surgisse.

Ao fim da atividade, muitos dos jovens presentes sentiram-se confortáveis para tirar

mais dúvidas com os pesquisadores acerca dos assuntos abordados, mostrando mais uma vez a importância da criação do vínculo profissional-usuário.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que, através da estratégia de gamificação e rodas de conversa, criou-se um elo entre os pesquisadores e estudantes, os deixando mais confortáveis e confiantes em participar das atividades, levando assim a uma participação mais ativa dos adolescentes e um grande interesse de aprender mais sobre o assunto. Além disso, foi notado que muitos dos questionamentos dos sujeitos eram básicos e aquilo que eles acreditavam saber viera de fontes superficiais encontradas na internet.

Com isso, concluímos que, a percepção dos adolescentes em relação às ISTs é insatisfatória, em decorrência da falta de educação sexual nas escolas e dos preconceitos impostos pela sociedade em relação ao assunto, impedindo que os adolescentes se sintam à vontade para procurar informação em meios confiáveis, como o posto de saúde.

7. REFERÊNCIAS

Albuquerque JV, Pinheiro PNC, Lopes MVO, Machado MFAS. Conhecimento deficiente acerca do HIV/AIDS em estudantes adolescentes: identificação de diagnóstico de enfermagem da NANDA. *Rev. Eletr. Enf.* [Internet]. 2018 jan/mar;14(1):104-11. (<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/12256>)

ALENCAR, Rúbia de Aguiar. Pesquisa-ação sobre sexualidade e vulnerabilidade às IST/aids com alunos de graduação em enfermagem. 2007. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

doi:10.11606/D.22.2007.tde-04102007-180934. Acesso em: 2018-03-27.

Amoras BC, Campos AR e Beserra EP. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*. ISSN 1984-4352 Macapá, v. 8, n. 1, p. 163-171, jan.-jun. 2015 (<https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/viewFile/1668/camposv8n1.pdf>)

BRANDÃO, C. R. (1998). *O que é Educação?* São Paulo: Editora Brasiliense.

Brasil (2005). Secretaria especial dos direitos humanos. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília/DF: Ministério da Educação.

CANO, M.A.T.; FERRIANI, M.das G.C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Rev.latinoam.enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abril 2000.

Castro MG, Abramovay M, Silva LB. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO; 2004.

DIAS, Fernanda Lima Aragão; SILVA, Kelanne Lima da; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa; MAIA, Carlos Colares. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. *Revista enfermagem. UERJ*, Rio de Janeiro, n.3, v 18, p.456-460, jul/set 2010.

FENWICK E SMITH T. *Adolescência - Guia de sobrevivência para pais e adolescentes*. São Paulo: Ática. 1996.

JARDIM, Fabrine Aguiar; CAMPOS, Thamara de Souza; MATA, Renan Neves da; FIRME, Maria da Penha Rodrigues. *Doenças*

sexualmente transmissíveis: a percepção dos adolescentes de uma escola pública. *Cogitare Enfermagem*. Minas Gerais, n. 18, v.4, p. 663-668. Out/dez, 2013.

MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 33, p. 95-118, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141469752011000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 21 abr. 2018.

MENEZES, Isabel (1990) - O desenvolvimento Psicosexual. In CAMPOS, B. - *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*. Lisboa: UA.

Ministério da Saúde (BR). Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais). Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-sao-ist>

Ministério da Saúde (BR). DataSus [Banco de dados da Internet]. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br>

NASCIMENTO, Evania. Desenvolvimento de pesquisa-ação com caminhoneiros de estrada: trabalhando na problematização as questões voltadas à sexualidade, DST/aids e drogas. 2003. 242f. Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

OLIVEIRA, Denize Cristina; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; PONTES, Ana Paula Munhen; RIBEIRO, Monique Carvalho Marrafa. Conhecimentos e Práticas de adolescentes acerca das DST/HIV/AIDS em duas escolas públicas municipais do Rio de Janeiro.

Queiroz AM, Santos FAR, Silva OLC. A árvore do prazer: um relato de experiência. Belém (PA); Mai 2013. (<https://cursos.atencaobasica.org.br/relato/4985>) Acesso em: 27 mar 2018.

Silva CV, Brêtas JRS, Muroya RL, Jardim DP, Ohara CVS. Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. *Acta paul. enferm.* vol.22 no.6 São Paulo Nov/Dec 2009 (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002009000600010)

SILVA, Kelanne Lima; DIAS, Fernanda Lima Araguão; MAIA, Carlos Colares; PEREIRA, Dayse Cristina Rodrigues; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; PINHEIRO, Patrícia Neyva da Costa. A influência das crenças e valores culturais no comportamento sexual dos adolescentes do sexo masculino. *Revista Enfermagem*. UERJ, Rio de Janeiro - RJ, n.18, v.2, p. 247-52. abril/jun, 2010.

VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de. Adolescência: as contradições da idade. *Rev. psicopedag.*, São Paulo, v. 28, n. 87, p. 321-323, 2011. Disponível em (http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862011000300012&lng=pt&nrm=iso). Acessos em 27 mar. 2018.

ZAGONEL, Ivete Palmira Sanson. O ser adolescente gestante em transição: sob a ótica da enfermagem. Pelotas: Editora Universitária; 1999.